



ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: OS CAMINHOS QUE LEVAM PARA A ESCOLA OU PARA FORA DELA.

Méri Rosane Santos da Silva; Roberto Scaglioni dos Santos

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise de como tem se dado a escolha de atuação profissional dos alunos de um curso de Licenciatura em Educação Física. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alunos do 3º e 4º ano, para a análise dos dados utilizamos a técnica de análise textual discursiva. E a partir destes, foi possível constatar que as experiências vivenciadas na graduação foram muito significativas para a suas definições de carreira, evidenciou-se também que as remunerações financeiras e prestígio social referente aos cargos que pretendem ocupar, inferem sobre o modo que discentes definem suas futuras atuações profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Atuação profissional; Licenciatura; Educação Física.

SUMMARY

The present work proposes an analysis of how has been given the choice of professional performance of students of a degree in Physical Education. Semi-structured interviews were carried out with students from the 3rd and 4th year, for the analysis of the data we used the technique of discursive textual analysis. And from these, it was possible to verify that the experiences undergone in the graduation were very significant for their definitions of career, it was also evidenced that the financial remunerations and social prestige referring to the positions that they intend to occupy, infer on the way that students define their Future professional activities.

KEYWORDS: Professional performance; Graduation; Physical Education.



RESUMEN

Este artículo propone un análisis de cómo se ha dado la opción de trabajo profesional de los estudiantes de una licenciatura en Educación Física. Las entrevistas semiestructuradas se llevaron a cabo con alumnos de 3º y 4º para el análisis de los datos que utilizamos la técnica de análisis textual discursiva. Y a partir de estos, se encontró que las experiencias en la graduación eran muy significativo para la configuración de carrera, también mostró que las recompensas financieras y prestigio social con respecto a las posiciones que tengan la intención de ocupar, inferir acerca de la manera como los estudiantes definen su futuras actuaciones profesionales.

PALABRAS CLAVE: la práctica profesional; Licenciatura; Educación Física.

INTRODUÇÃO

A Educação Física passou e vem passando por diversas modificações ao longo de sua história, acompanhando as mudanças socioeconômicas que ocorrem, para, assim, atender as demandas da sociedade. Os espaços de atuação para os profissionais da área também se modificaram, entre elas foram agregados outros campos de conhecimentos, os quais se refletiram na formação acadêmica. Bracht (2004, p.4) coloca que o crescimento das instituições formadoras de profissionais de Educação física se deu em virtude do incremento nos serviços oferecidos pelo campo, configurando-se em mais mercado e postos de trabalho, resultando na maior valorização do diploma.

Com a intenção de fazer uma localização histórica de quando emergem minhas premissas e meus questionamentos que sustentam a realização desta pesquisa, faço uma breve recapitulação das modificações curriculares sofridas no curso de Educação Física, desde sua criação até as atuais configurações. As quais subsidiam o fato de aos licenciados serem permitidos atuar não apenas nos espaços escolares.

A história da formação profissional em Educação Física no Brasil teve seu começo, segundo Souza e Neto et. al (2004, p.115), nas escolas militares, em 1934, sendo que, nestes cursos, era atribuído o título de instrutor de ginástica e tinham dois anos de duração. Já no ano de 1937 passou a constar na Constituição Federal a obrigatoriedade das aulas de



Educação Física na escola e, com isto, iniciaram-se as discussões sobre a criação de um currículo mínimo para os cursos de formação dos professores da Educação Física, o qual ocorreria efetivamente em 1945.

É importante salientar que até 1957 não era necessário a conclusão do secundário complementar (atualmente ensino médio) para realização do curso, caracterizando-o, assim, como um curso técnico, isso. A partir deste ano, é ampliada a formação para três anos, como também é estipulada uma quantidade mínima de matérias pedagógicas, a fim de fortalecer a ideia da formação de um professor, constituindo um educador (SOUZA NETO et al., 2004, p.119). Em 1969, é aprovada a Resolução 69/1969, que estabelecia um currículo mínimo e de caráter técnico, com carga horária de 1800 horas e apresentando a prática pedagógica do aprender fazendo (VENTURA, 2010, p.142).

Contudo, um dos acontecimentos mais recentes e de grande relevância que levou a mudanças na organização no modo como se dava a formação dos professores de Educação Física e ainda norteia, em grande parte, a organização atual dos cursos, foi a Resolução 03/1987, que, como corrobora Ventura (2010, p. 143):

o tempo mínimo para a integralização foi aumentado de 3 para 4 anos; a carga horária de 1.800 para 2.880 horas e a obrigatoriedade de 300 horas mínimas de estágio supervisionado (situação implantada posteriormente). Embora com o discurso de romper com o currículo mínimo, esta resolução apenas o disfarçou, estabelecendo que os conhecimentos se agrupassem por áreas; para cada uma delas havia uma carga horária obrigatória mínima. Esta legislação acabou com a licenciatura curta, mas introduziu a formação pelo bacharelado, uma duplicidade na habilitação profissional - licenciado e bacharel – rompendo com o processo histórico da formação. A dicotomia paradigmática do campo se materializava na formação profissional em Educação Física, determinante e imprudente, corroborando para a confusão sobre a identidade do campo.

As turbulências consequentes desta separação são visíveis até hoje, pois afetou diretamente o modo como se organiza a formação e direcionamento dos profissionais de Educação Física para o mundo do trabalho. Podemos pensar até mesmo que esta divisão foi feita de modo a atender as demandas de mercado emergentes. Por fim, a Lei 9696, de 1º de setembro de 1998, corrobora Baptista et al.(2015, p.64):

cria o profissional de Educação Física, bem como os conselhos de classe, (Confef – Conselho Federal de Educação Física com atuação de nível nacional e os CREF's – Conselhos Regionais de Educação Física,



atuando nos estados ou regiões geográficas do país). Desde sua origem, desenvolveram-se várias tensões entre o sistema Confef/CREF, entidades de pesquisa e universidades. Muitos destes conflitos se deram em torno da formação nas licenciaturas e bacharelados, bem como nos diferentes campos de intervenção profissional. Atualmente, existe uma polêmica significativa sobre a intervenção profissional do licenciado em espaços não escolares, sobretudo, em academias de ginástica.

Entretanto, para alguns, não há dúvidas sobre o espaço de atuação do licenciado, tendo em vista a análise dos documentos legais que normatizam a formação em EF, constando o espaço que o licenciado pode atuar. Mas a fim de apontar os argumentos que sustentam tal posicionamento, atendo-me aos Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura que afirma:

O Licenciado em Educação Física trabalha como professor em instituições de ensino que oferecem cursos de nível fundamental e médio; em editoras e em órgãos públicos e privados que produzem e avaliam programas e materiais didáticos para o ensino presencial e a distância. Além disso, atua em espaços de educação não-formal e em instituições que desenvolvem pesquisas educacionais (BRASIL, 2010, p. 31).

Portanto, notamos que o espaço de atuação do licenciado é amplo, fazendo com que se possa escolher em desempenhar seu trabalho no espaço escolar ou não escolar, ou mesmo, nos dois. Então, cabem os questionamentos: o que leva os estudantes de um curso de formação em Educação Física em determinar o local que atuará? O curso de graduação influencia essa decisão? Houve alguém que “inspirou” sua decisão?

Em função destas reflexões, meu problema de pesquisa delimitou-se em: como os alunos dos últimos anos do curso de licenciatura em EF da FURG vêm definindo os espaços que pretendem atuar profissionalmente?

Compreender o que almejam os profissionais que estão se formando é um passo mais próximo de entender e, assim, traçar um panorama de como vem se dando as relações da Educação Física, as tendências do mercado e as necessidades para com a formação acadêmica.

CHEGANDO AO TEMA

Os motivos que levaram os discentes do curso de Educação Física a se identificarem com um espaço de atuação profissional escolar ou não escolar, são



complexos, pois por mais que uma opinião se assemelhe a outra, cada resposta sempre trará uma gama de individualidades de quem responde, o qual, quando compartilha sua opinião, está também dividindo um pouco da intimidade do seu pensamento. Levando em consideração que a “tarefa do pesquisador nas ciências sociais não é descobrir leis, mas engajar-se numa compreensão interpretativa [...] das mentes daqueles que são parte da pesquisa” (FILHO & GAMBOA, 2000, p. 27), comprometi-me, nesta busca, a materializar os diferentes significados produzidos pelos sujeitos.

Contudo, em um momento histórico que vivemos permeado por tensões sobre a unificação da Educação Física, retomando a concepção do curso de “Licenciatura ampliada”, popularmente chamada. Em função disso, mostra-se relevante um entendimento sobre as relações da formação acadêmica com o mercado de trabalho. Além disto, tratar dos motivos que levaram os alunos dos últimos anos da Licenciatura em Educação Física a indicar quais são suas preferências em termos de atuação profissional, é lançar um olhar que não se limita em saber onde o licenciado pode atuar, mas compreender como se dão estas escolhas, podendo assim compreender quais foram os fatores principais que os levaram a fazer esta opção.

Em função disso, o objetivo deste trabalho foi identificar os fatores que levam os alunos dos últimos anos do curso de Licenciatura em Educação Física da FURG a definirem suas preferências de atuação profissional. Para tanto, foi necessário verificar e analisar os documentos relacionados à organização curricular dos cursos de Educação Física, especialmente, os da licenciatura em EF da FURG. Além disso, buscamos identificar e analisar os argumentos apresentados pelos alunos que justificaram as suas escolhas por almejar trabalhar na área escolar, não escolar ou em ambas.

AMPLIANDO AS REFERÊNCIAS

Compreendendo que há diversos pontos a serem considerados, porém separei a análise em tópicos e apontarei qual foi o referencial teórico utilizado para reflexão/discussão de cada um destes itens: formação de professores em Educação Física,



espaço de atuação do licenciado em Educação Física, identidade social e profissional dos alunos de EF.

A fim de pensar a formação de professores de Educação Física, recorri a Taffarel (2010), especificamente, à obra “Formação em Educação Física & Ciências do Esporte, Políticas e Cotidiano”, organizado por Dinah Vasconcellos e Marcilio Souza Jr., que trata de diversos subtemas ligados à formação em Educação Física. Para essa autora,

[...] um dos aspectos importantes para o debate a incapacidade de distinguir-se, no âmbito teórico, o que representam as disciplinas específicas de cada curso e das demais áreas transversais. O que diferenciaria, por exemplo, o ensino da Ginástica numa escola (aula de Educação Física) e fora dela (escolinha de ginástica)? Quais conteúdos que deverão ser selecionados e organizados para formar um bacharel e um licenciado? (TAFFAREL; SANTOS JÚNIOR, p.35, 2010)

Ainda fiz uso, com intuito de inspirar e embasar minha escrita, de um artigo do livro “Formação Profissional em Educação Física na América Latina. Encontros, Diversidades e Desafios”, especificamente, o trabalho que trata do modo como se dá esta formação no Brasil, com o título “Perfil Atual da Formação Profissional em Educação Física no Brasil”, do autor Tadeu João Ribeiro Baptista et. al, que traz:

Uma característica comum entre os estudantes que ingressam na formação profissional em Educação Física desconhecem ou compreendem de forma idealizada o campo. Esse fato causa tensões e contradições entre a lógica de se instruir sobre como praticar um esporte, ou compreender diferentes tipos práticas corporais voltadas para os processos de ensino aprendizagem dentro da escola ou fora dela.

Considerando que os alunos entram com uma visão limitada ao senso comum sobre qual seria a função do professor de Educação Física, isto acaba corroborando para um processo conturbado de formação/identificação com as áreas de atuação para os profissionais em Educação Física. Esse conflito se dá pela necessidade que os alunos têm de reformular os conceitos pré-estabelecidos dentro do espaço acadêmico, pois são apresentados a novas possibilidades dentro da área.

Além disso, em termos de embasamento legal sobre espaço de atuação do licenciado em EF, buscamos realizar uma retomada histórica sobre a constituição curricular dos cursos, perpassando pelos eventos relevantes para a atual estruturação, e fizemos, ainda, uso de textos que analisam as leis e pareceres sobre o tema, como



“Educação Física e registro profissional”, de Carlos Alberto Figueiredo da Silva, importante para o entendimento do papel do licenciado. A partir das primeiras leis sobre o processo de divisão da Educação Física em Licenciatura e Bacharelado como também as mais recentes, como o Ofício nº 229 do CES/CNE/MEC, de 22 de novembro de 2011, é possível afirmar que estes instrumentos legislativos indicam que:

os Licenciados em Educação Física possuem formação acadêmica com conteúdo comum a dos bacharéis em Educação Física no que se refere a este campo de conhecimento. (...) Assim, tanto do ponto de vista do mérito quanto do ponto de vista formal, a formação acadêmica de licenciados e bacharéis os qualifica indistintamente para o registro profissional, como possuidores de diploma obtido em curso de Educação Física, oficialmente autorizado ou reconhecido, nos termos do Art. 2º da Lei nº 9696/1998, de modo a atuarem profissionalmente na área de Educação Física em espaços não-escolares como academias, clubes esportivos e similares. (...) Por outro lado, a atuação como professores da Educação Básica é restrita aos licenciados. (...) A mesma interpretação se aplica aos licenciados na vigência da Resolução 3/1987 (BRASIL, 2011b).

Na busca da compreensão das relações sociais e processos envolvidos na formação de uma identidade profissional, recorri à obra “A Socialização Construção das Identidades Sociais e Profissionais”, de Claude Dubar, que faz uma revisão de estudos das temáticas da socialização e identidade profissional, mostra-se pertinente, ao afirmar que:

Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular. Porque se tornou um bem raro, o “emprego” condiciona a construção das identidades sociais; porque sofreu importantes mudanças, o trabalho apela a subitas transformações identitárias; porque acompanha intimamente todas as mudanças do trabalho e do emprego, a “formação” intervém nas dinâmicas identitárias muito para além do período escolar. (1997, p.4)

Como podemos ver na fala de Dubar, a identidade profissional é um das muitas formas pelas quais moldamos o “ser social”, uma vez que dentro da sociedade moderna, as relações do trabalho e a função que desempenhamos, por muito, transpassa o ambiente de serviço, transformando o modo como o indivíduo se vê e como os outros o veem. Trata-se de um processo que vai além de simplesmente ser um professor de Educação Física, pois esta profissão como qualquer outra traz consigo uma série de expectativas (reconhecimento pelos seus companheiros de profissão bem como outros agentes sociais que venham a



interagir), permeadas de responsabilidades (desenvolvimentos das atividades profissionais referentes ao cargo no espaço de atuação que foi delineado).

OS CAMINHOS QUE LEVAM AOS DADOS

A coleta de dados se deu por intermédio de entrevista semiestruturada, que, visando obter respostas válidas e informações pertinentes, seguiu diretrizes estabelecidas por (LAKATOS e MARCONI, 2010, p.195):

Contato Inicial: O pesquisador deve entrar em contato com o informante e estabelecer, desde o primeiro momento, uma conversação amistosa, explicando a finalidade da pesquisa, seu objeto, relevância e ressaltar a necessidade de sua colaboração. É importante obter e manter a confiança do entrevistado, assegurando-lhe o caráter confidencial de suas informações. Criar um ambiente que estimule e que leve o entrevistado a ficar à vontade e a falar espontânea e naturalmente, sem tolhimentos de qualquer ordem. A conversa deve ser mantida numa atmosfera de cordialidade e de amizade.

Mediante a técnica da entrevista, o pesquisador pode levar o entrevistado a uma penetração maior em sua própria experiência, explorando áreas importantes, mas não previstas no roteiro de perguntas. O entrevistador pode falar, mas, principalmente, deve ouvir, procurando sempre manter o controle da entrevista.

b) *Formulação de Perguntas:* As perguntas devem ser feitas de acordo com o tipo da entrevista: padronizadas, obedecendo ao roteiro ou formulário preestabelecido; não padronizadas, deixando o informante falar à vontade e, depois, ajudá-lo com outras perguntas, entrando em maiores detalhes. Para não confundir o entrevistado, deve-se fazer uma pergunta de cada vez e, primeiro, as que não tenham probabilidade de ser recusadas. Deve-se permitir ao informante restringir ou limitar suas informações. Toda pergunta onde o entrevistador deva sugerir opções de resposta, deve ser evitada.

c) *Registro de Respostas:* As respostas, se possível, devem ser anotadas no momento da entrevista, para maior fidelidade e veracidade das informações. O uso do gravador é ideal, se o informante concordar com a sua utilização. O registro deve ser feito



com as mesmas palavras que o entrevistado usar, evitando-se resumi-las. Outra preocupação é manter o entrevistador atento em relação aos erros, devendo-se conferir as respostas, sempre que puder. Se possível, anotar gestos, atitudes e inflexões de voz e ter em mãos todo o material necessário para registrar as informações.

d) *Término da Entrevista*: A entrevista deve terminar como começou, isto é, em ambiente de cordialidade, para que o pesquisador; se necessário, possa voltar e obter novos dados, sem que o informante se oponha a isso. Uma condição para o êxito da entrevista é que mereça aprovação por parte do informante.

e) *Requisitos Importantes*: As respostas de uma entrevista devem atender aos seguintes requisitos, apontados por Lodi (1974): validade, relevância, especificidade e clareza, profundidade e extensão.

- **Validade**: Comparação com a fonte externa, com a de outro entrevistador, observando as dúvidas, incertezas e hesitações demonstradas pelo entrevistado.

- **Relevância**: Importância em relação aos objetivos da pesquisa.

- **Especificidade e Clareza**: Referência a dados, data, nomes, lugares, quantidade, percentagens, prazos etc., produzidos com objetividade. A clareza dos termos colabora na especificidade dos dados e na análise dos mesmos.

- **Profundidade**: Está relacionada com os sentimentos, pensamentos e lembranças do entrevistado, sua intensidade e intimidade.

- **Extensão**: Amplitude da resposta, sua capacidade de atingir os objetivos propostos na entrevista.

Sabendo a complexidade dos dados e para que pudesse se ter uma melhor compreensão dos mesmos, apoderei-me da técnica da “análise textual discursiva” um modo de analisar a produção a partir de construções de categorias que não, necessariamente, precisam ser excludentes, oferecendo, com isso, um olhar mais abrangente. Segundo Moraes (2003, p.192):

[...] pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma seqüência recursiva de três componentes: desconstrução do *corpus*, a unitarização, o estabelecimento de relações entre os elementos unitários,



a categorização, e o captar do novo emergente em que nova compreensão é comunicada e validada.

DISCUSSÃO ACERCA DOS RESULTADOS

A partir da análise dos dados foi possível perceber que os alunos do 3º e 4º ano do curso de Licenciatura em Educação Física, em sua grande maioria, gostariam de trabalhar tanto no espaço escolar como no não escolar. O que nos leva a crer que dentro de um curso de Licenciatura as preferências de atuação são amplas, levando os futuros profissionais a almejem ambos os campos de desempenho, o que reflete a pertinência da atual proposta de unificação dos cursos de Educação Física.

Além disso, é importante destacar o próprio processo de escolha profissional, que, segundo Almeida e Fensterseifer (2007, p.9),

não é uma tarefa fácil, é uma opção que se faz retomando os vários dias vividos durante nossa constituição, enquanto sujeitos históricos e culturais, a partir dos encontros e desencontros com nossos interesses e intenções e, também, com os interesses e intenções de outros, o que medeia uma tomada de decisão. Isso fortalece uma tese já esboçada de que a escolha dos professores não é fruto apenas de uma opção individual.

De tal forma, é possível, ponderando a partir das falas dos estudantes, constatar que existem três caminhos profissionais repercutindo em suas atuações, que podem ser divididos em possíveis espaços de intervenção: a educação, em que tratamos a EF de forma pedagógica, considerando as metodologias de ensino e suas repercussões tanto em termos na Educação Básica como no Ensino Superior; a área do Treinamento e do Fitness¹, voltados tanto ao desempenho esportivo ou não, como as atividades desenvolvidas para um fim estético; a área da Saúde, que o profissional de Educação Física atua em conjunto com outros profissionais (médicos, psicólogos, nutricionistas, enfermeiros, entre outros) em núcleos multidisciplinares, como em unidades de saúde da família ou em hospitais.

Os alunos que anseiam atuar nos dois espaços de atuação (escolar e não escolar) mostram que há preferência de um em relação ao outro, porém, os motivos de preferência

¹ Espaço correspondente às academias de ginástica, musculação e/ou natação.



são diversos, desde a escolha dos espaços escolares devido à possibilidade de realizarem um concurso público, associado a uma pretensa estabilidade profissional ou, ainda, alguns vêm a inserção no Ensino Superior como uma opção importante, pois está associada ao prestígio social, à boa remuneração e à estabilidade financeira e profissional. Já os indivíduos que tendem para os espaços não escolares trazem consigo uma forte intenção de atuação na área da saúde, sustentado pela justificativa de um bom salário, de reconhecimento social ou ainda de intervenção nos espaços fitness e do treinamento físico e esportivo.

Do mesmo modo, o fato de pouquíssimos estudantes optarem por apenas a área escolar dentro de um curso de Licenciatura, levanta alguns pontos a serem pensados: os alunos da graduação veem pouquíssimas vantagens em tornar-se professor da rede básica, principalmente, pela desvalorização social e financeira do professor. Esta posição dos estudantes é reafirmada por Santini (2004, p.17), para quem a desvalorização social dos professores se faz presente, diminuindo as fontes de motivação e satisfação. Salários baixos, ausências de condições materiais e objetivas de atuação profissional, bem como a falta de oportunidade para a formação continuada, trazem a tona aspectos de baixa auto-estima e valor social, que interferem diretamente nas condições básicas para realizar um trabalho eficaz.

Contudo, alguns licenciandos destacam que suas experiências nos estágios curriculares ou reforçaram seu desejo de se tornarem docentes na Educação Básica ou culminaram no fim de algum resqúcio que haveria de atuar nesses ambientes.

Além disso, a forte tendência dos alunos a ambicionar atuar na área da saúde faz pensar sobre as vertentes da Educação Física anteriormente citadas, - educação, do treinamento/ fitness e da Saúde – sendo que a saúde é a que tem mostrado uma relevância social maior, produzindo um impacto proeminente nas relações de poder e levando os profissionais a buscarem este caminho para eles.

Dessbesell e Caballero (2016, p.125-126) evidenciam a relevância da presença do profissional de Educação Física no sistema de atenção básica em saúde, no entanto, isto não significa que este profissional deve se eximir dos saberes em Educação, inclusive os



escolares, apropriando-se de práticas pedagógicas, habilidades docentes, experiência em organização de coletivos de aprendizagem, apropriação dos saberes em ciências humanas e práticas culturais, noções de educação em saúde, entre outros conhecimentos e práticas associados predominantemente com a formação em licenciatura. As práticas corporais parecem efetivamente não representar campo e domínio exclusivo da Educação Física, porém, essas são potencializadas pela presença desse profissional nas ações de saúde, como complementam os autores.

Ainda, foi destacada uma ligação forte e certo encantamento, ainda vigente da EF, com a ideia de promoção de saúde/qualidade de vida, mesmo quando o curso tem uma grande carga de disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, que busca, inclusive, problematizar esta relação. Sobre isto, Ventura (2010, p.141) afirma que:

O eixo do conhecimento se centrou no homem biológico, no qual a naturalização dos fatos sociais criou um social biologizado, o que não é diferente hoje, pois a Educação Física segue sustentada por este paradigma, mas usando outras roupagens, como a “Promoção da Saúde”, a “Qualidade de Vida”, o “Estilo de Vida”, etc. É neste cenário que a formação profissional ganha relevância.

CONCLUSÕES

A pesquisa mostrou que os futuros professores de Educação Física sofrem influências e modificam sua visão acerca da Educação Física e de si mesmos, ao serem interpelados pelas relações acadêmicas, tanto no âmbito dos conhecimentos científicos e pedagógicos adquiridos como na experiência de encontrar com profissionais que os inspiram a tornar-se um trabalhador da área, independente dos espaços de atuação.

Além de buscarem a boa remuneração e estabilidade financeira e profissional, questões como reconhecimento social, científicos e acadêmicos são importantes elementos que atravessam e afetam os principais projetos profissionais construídos pelos graduandos entrevistados.

Por fim, determinou-se que os fatores que levam os alunos dos últimos anos do curso de Licenciatura em Educação Física da FURG a definirem suas preferências de atuação profissional giram em torno em sua maioria das experiências no curso de



graduação, referindo-se a professores, estágios e outras vivências tidas pelos acadêmicos, principalmente, em projetos de pesquisa e de extensão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. de; FENSTERSEIFER, P.E. *Professores de Educação Física: duas histórias, um só destino*. Revista Movimento, Porto Alegre: ESEF/UFRGS, v.13, n.2, p.13-36, mai./ago., 2007.

BAPTISTA, T.J.R. et al. Perfil Atual da Formação Profissional em Educação Física no Brasil. In: SILVA, Ana Márcia; BEDOYA, Victor Molina. *Formação Profissional em Educação Física na América Latina: Encontros, Diversidades e Desafios*. Jundiaí: Paco 2015, p.55-76

BRACHT, V. Esporte/Educação Física e sociedade. In KUNZ, E.; Hilderbrandt-Stramann, R. *Intercâmbios científicos internacionais em educação física e esportes*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Ofício 229 CES/CNE/MEC de 22 de novembro de 2011*. Brasília: Ministério da Educação, 2011b. Disponível em: <http://daefi.files.wordpress.com/2012/03/ofc3adcio-229-cne-ces-mec.pdf>
_____. *Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura*/Secretaria de Educação Superior. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, 2010. 99 p.

DESSBESELL, G.; CABALLERO, R.M.S. *Educação Física, currículo e formação para o campo da Saúde: alguns movimentos possíveis*. IN: Educação Física e Saúde Coletiva: cenários, experiências e artefatos Culturais / Felipe Wachs, Ueberson Ribeiro Almeida, Fabiana F. de Freitas Brandão, organizadores. – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016. – 379 p. – (Interlocuções Práticas, experiências e pesquisas em saúde; 3)

DUBAR, C. *A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação*. Portugal: Afrontamento, 2006.

_____. *A Socialização Construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução de: Annette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Lda, 1997.



FILHO, José Camilo dos Santos & GAMBOA, Silvio Sanches (org.). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FURG, *Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física*.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LODI, João Bosco. *A entrevista: teoria e prática*. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva. *Revista Ciência & Educação*. São Paulo: vol. 12, n. 1, 2006, p. 117-128.

SANTINI, J. *A síndrome do esgotamento profissional: o "abandono" da carreira docente pelos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SOUZA NETO, S. et al. *A formação do profissional de Educação Física no Brasil: Uma história sob a perspectiva da Legislação Federal no Século XX*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n.2, p. 113-128, jan./mar. 2004

TERRA, D.V.; SOUZA JUNIOR, M. *Formação em Educação Física & ciências do esporte: políticas e cotidiano*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.

VENTURA, P.R.V. *A Educação Física e sua constituição histórica: desvelando ocultamentos*. 2010. 206 f. Tese (Doutorado). Curso de Educação, Departamento de Educação, PUC/GO, Goiânia, 2010.